

O ADEUS A STANISLAW PONTE PRETA



Sob o peso da consagração popular, no Maracanãzinho, Geraldo Vandré, segundo colocado, canta com Cinara e Cibele a música vencedora "Sabá", de Tom Jobim e Chico Buarque

20 páginas sensacionais
FESTIVAL DA CANÇÃO
O RIO CANTA PARA O MUNDO

Rio de Janeiro,
12 de outubro de 1968
Ano 16 — N.º 860

Bloch Editôres S. A.

PRESIDENTE: Adriano Bloch
VICE-PRESIDENTE: Oscar Bloch Spagnuolo
DIRETOR SUPERINTENDENTE: Pedro Jack Kupeller
CURTIDOR RESPONSÁVEL: Nelson Abreu
DIRETORES: A. Ferrara, Alberto Sines, Antônio de Fátima, Leopoldo de Oliveira, Dinora Távora Nascimento, H. W. Balthus, Isaac Edeberto Hertz e Maria Alice Filho
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
DIRETOR: Arnaldo Niskler

Manchete

DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REDAÇÃO: Zvi Givonim — CHEFE DE REPORTAGEM: Paulo Belcher
REGISTROS: R. Magalhães Junior, Joel Salveira, Cassio de Freitas, Fernando Zentgraf, Renato de Almeida, Nelson Lago, José Haroldo Pereira e Paulo Ramos — REPORTERES: Edão Joo, Isidoro Hensler, João Martins, Raphael Siqueira, Vera Rachel Berystein, Edson Cabral, Carlos Marques, Alberto Scharney, José Rodrigues Camara, João Luiz Albuquerque, Jayme Negreiros, Durval Ferreira, Fábio Abreu, Carlos Azeite, Henrique Ferreira Neves, Antônio Tassinari Junior, Sérgio Rossi, Cláudio Nunes, Decoreano Rocha, Maria Sueli, Maria Rita Galvão, Lúcia Mays Barros, Rosário Melo e Francisco Nazareno — COLABORADORES: Henrique Peruzzi, Paulo Mendes Campos, Pedro Bachi, Claudino, Otto Lara Resende, Carlos Bonfatti, Mário Martins e Vítor de Aguiar — DIVISÃO DE COMUNICAÇÕES: Emanuel de S. Santos
DIVISÃO DE FOTOGRAFIA: DIRETOR: Nicolau Dias — CHEFE: Richard Bates — REPORTERES FOTOGRAFICOS: Gil P. Joffe, José de Souza, Genésio Batista, Carlos Abreu, Antônio Rudge, Richard Niskler, Lucio M. de M. Domingos Cavalcanti, Walter Figue, Sebastião Barbosa, Antônio Trindade, Nelson Santos, Faldberto Rógéria, Paulo Scheuvaloff, Milton Santos, Vinícius de Queiroz, Armando Bernardino, Sérgio Jorge, Milton Shigahara, Zigmunt Hase, Antônio Lucio, José Casimiro, Raimundo Costa, José Martins, Zulmira Rêgo, Haimon Hirano, Elio Marín, Roberto Schubart, Alcino Anselmo, Wilson Lima e Francisco Azeite — REGISTRAÇÃO: Wilson Passos, Nelson Gonçalves e Pedro Guimarães — SETOR DE PESQUISA: Lúcia de Sousa Rêgo — SETOR DE PRODUÇÃO: Nelson Sampaio — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Arnaldo Gonçalves de Oliveira — DEPARTAMENTO DE CRÓNICAS ESPECIAIS: DIRETOR: Fernando Luiz Cascaes — FILIAL DE SÃO PAULO: DIRETORES: Salomão Schuchman e Heráclio Santos — SOCURSIOS — NORTE-NORDESTE: Alexandrino Rocha e Cely Souza Lello — MINAS GERAIS: Lúcia Galatena e Mariana Rocha — SANTA CATARINA: Raül Carlos Filho — RIO GRANDE DO SUL: Kliner Buh-BARA, Flávio Costa — BRASÍLIA: Jádri Neves — PARANÁ: Mônica José Gonçalves e Samuel Guimarães da Costa — EXTERIOR — NOVA Iorque: Sérgio Alberto Cunha — PARIS: Nei Louchevitch — CORRESPONDENTES — AMAZONAS: Abramo Abreu — PARA: Osvaldo Mendes — MARIANHAS: José Antônio Moreira — PERNAMBUCO: Jorge Machado — CEARÁ: Ezequiel Araújo — RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arnaldo Câmara — EXTERIOR — ROMA: Sérgio Spinelli e João C. Siani — ALEMANHA: Carlos Steiner — ES-PAÑA: Emílio Foster — TCHECOSLOVÁQUIA: Joseph Vozárek — URUGUAI: Sara Tinkler — ARGENTINA: Jorge Lipschitz — CHILE: De Abreu — PERU: Manuel Olivan — DEPARTAMENTO COMERCIAL — DIRETOR: Alberto Martins Barros Filho — PUBLICIDADE — DIVISÃO DE PUBLICIDADE: DIRETORES EXECUTIVOS: Francisco Augusto do Nascimento e Luiz Fernando Pinto Inaga — FILIAL DE SÃO PAULO — GERENTE GERAL: Arnaldo Vitali — GERENTE MANCHETE: Paulo Proença — SOCURSIOS — NORTE-NORDESTE: Cely Souza Lello — RIO GRANDE DO SUL: Edgard Niskler — Cely Souza Lello — RIO GRANDE DO SUL: Edgard Niskler — ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tel. 32-4235 e 31-3963-Rio de Janeiro — FRANÇA: INDUSTRIAL DE LUCAS: Rua Cordeiro, 120 — Tel. 30-9996 e CEXTEL 065 19-8109 — FILIAL DE SÃO PAULO: Rua 74 de Maio, 15 — 11.º and. salas 1131/1130 — Tel. 30-9996 e 30-8333-33/3338 e 37-7881 — SOCURSIOS: NORTE-NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85 - 32.º and. — Tel. 35-847 — Recife (PE) — MINAS GERAIS: Av. Afonso Pena, 728 - 34.º and. — Tel. 4-7157 — Belo Horizonte (MG) — RIO GRANDE DO SUL: Rua Senador dos Passos, 235 — Ina 5 — Tel. 44-714 — Porto Alegre (RS) — BARRA: Rua Brás de Bragança, 1 — sala 902 — Tel. 9-2566 — Salvador (BA) — PARANÁ: Rua Marçal de Oliveira, 231 — cont. 905 — Tel. 4-3364 — Curitiba (PR) — BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, Lote 901/915 — Tel. 2-8206 — (DF) — NOVA Iorque: 245 East 63rd Street — no. 3470 — Tel. 421-5183 e 421-0291 — Faltas: Manchete New York 42193 — PARIS: 12 Avenue Montaigne, 3ème étage — Tel. SALON 34-66 — Fones: Manchete Paris 2620 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda., Rua do Remede, 100 — Tel. 22-8817 — Rio de Janeiro — 58.

Manchete é ASSOCIADA DO

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S. A.

CONVERSA COM O LEITOR O moço que canta nesta página é Geraldo Vandré, cujo hino de guerra, intitulado *Caminhando*, ou *Sexta Coluna*, ou *Para Não Dizer que Não Falei de Flôres*, empolgou as vinte mil pessoas que lotaram o Maracanãzinho na noite brasileira do Festival Internacional da Canção Popular. Ele empolgou o público, mas não a maioria dos jurados que preferiu conceder o Galo de Ouro aos já consagrados Tom Jobim e Chico Buarque, pela sua harmoniosa e suave música inspirada no canto do sabiá. Membro do júri eu próprio, e mais combativo que romântico, vi-me esmagado com Vandré, não pelos aplausos, como éle, mas pelas vaías uníssonas do povo. No entrevero das batalhas os projéteis não escolhem cabeças. E, afinal, eu pertencia ao pelotão soberano. Foi uma experiência terrível, só consolada pela frase filosófica do cantor: "A vida não se resume em festivais." Neste número, mostramos e contamos tudo o que está acontecendo no Rio em matéria de música popular. Não podemos exclamar de outra maneira, parece que o carioca resolveu extravasar seus ânimos, reivindicando melodias. E a verdade é que, neste país, como na França tudo acaba em canções.

JUSTINO MARTINS



No mais explosivo certame musical do mundo, o **sabiá** cantou para Jobim e Chico

20 mil pessoas contra 15 jurados

A PRIMEIRA BATALHA DO FESTIVAL



Na explosão do Maracanãzinho, a música popular brasileira provou, mais uma vez, que é capaz de valer-se todos os estilos e acionar todas as tendências, levando o povo ao delírio. O favoritismo do compositor e cantor Geraldo Vandré, quase indelével nas arapuzalhadas, não obteve a maioria do júri. Por isso, a vitória da canção **Sabiá**, de Tom Jobim e Chico Buarque, foi revelada com várias emendas e correções, que não se dirigiam aos dois compositores — copurtores da canção brasileira — mas expressavam a mais sofisticada psique popular. Tanto que a platéia conseguiu um nexo que valera no ano passado, e recusou aplausos a Chico, pelo qual pensaram no Festival anterior, reclamando o Gala de Ouro para Carolina. Desta vez, o público brasileiro com energia e ardor a votaria para Camargo, de Geraldo Vandré, com o qual cantou em cena, antes e depois do resultado final, num espetáculo emocionante e inesquecível. Além disso, as vinte mil pessoas que lotaram o Maracanãzinho vibraram igualmente no sorriso de artistas consagrados e o talento de novos valores — os aplausos para o velho Sílvia Callas foram tão calorosos quanto o entusiasmo pela apresentação de Os Mutantes

Creza e Cabelo, na casa de Tom, fizeram com o compositor a música escolhida pelo júri. O Festival, na falta dos escritores, teve no lançamento de Os Mutantes (a direita) um dos seus momentos mais belos, e, certamente, o mais alheios.



**O MARACANZINHO
REVELOU AOS
CONCORRENTES
ESTRANGEIROS
UM ESPETÁCULO
JAMAIS VISTO**

Apesar das terríveis vozes que encerraram a parte brasileira do Festival Internacional da Canção, os convidados e participantes estrangeiros não se mostraram particularmente assustados. Todos se impressionaram com a apaixonada participação do público, a maneira divertida maneira de votar "sim ou não" e, com tanta audácia, mais concursos de música popular. Na verdade, os concorrentes internacionais não pareciam intimidados com o realismo cético do público, inclusive tornando paralelo: "Sua única surpresa era referente às próprias canções em disputa; pois achavam que "a música brasileira, antigamente, mostrava-se bem mais rítmica". Em meio ao concerto, o público aplaudiu entusiasmadamente as apresentações especiais dos representantes dos Estados Unidos, Itália, Suécia, Bélgica e Inglaterra.



O Maracanzinho ficou cheio de espectadores, que se transformaram numa vibração incrível até o término a final de domingo. Ninguém deixou de tomar partido, gritando e aplaudindo.



Diana Shari, um dos grandes nomes da música americana, ficou impressionada com o espetáculo. Ao seu lado a cantora Tatli.

uma das canções mais americanas, ficou impressionada com o espetáculo. Ao seu lado a cantora Tatli.



Paul Martin, de Londres, e Janaki Fozzari são dois grandes nomes das mais conhecidas entre os concorrentes estrangeiros, embora o público tentasse em silênciosos os aplaudir.



A cantora Anita Baker, de Inglaterra, entre a sua esposa e a consorte brasileira, a cantora brasileira, mas também chamou a atenção pelas músicas que tocava.

A cantora Anita Baker, de Inglaterra, entre a sua esposa e a consorte brasileira, a cantora brasileira, mas também chamou a atenção pelas músicas que tocava.



O Dr. Christian Barwood — entre a Sr. Jorge Pires e a Sr. Annette Marinho — assistiu à final do sábado, repetindo um comentário: — Very nice (Muito bom).

CONCORRENTES DE ALTO NÍVEL PROMETEM TRANSFORMAR A DISPUTA INTERNACIONAL NUMA NOVA GUERRA, DA QUAL O PÚBLICO CARIOCA PARTICIPARÁ COM O CALOR DO SEU ENTUSIASMO



Françoise Hardy chegou bem qualificada para manter o alto nível da representação dos franceses no Festival.

Françoise Hardy faz questão de afirmar que "a canção é música profunda, e, antes disso, uma necessidade". Antes de chegar, só sabia sobre o Brasil, de Tom Jobim e Baden-Powell. Mas Peter Horn, o alemão que representou a América, veio ao Festival pela segunda vez, tão entusiasmado como da primeira: "O Rio sempre foi a cidade de meus sonhos." Ele não fuma nem bebe, e pratica ginástica, hidrofilismo e natação. A música que apresentará é de sua autoria e de Carl Schindler, o vencedor do I Festival Internacional da Canção, há dois anos. O finlandês Danny chamou: Ilkka Johannes Lipanen, tem quase dois metros de altura, é a maior sensação em sua terra e está sendo questionado do frenesimismo sul que há no Rio, na semana passada. Já a grapa Marinella é uma das mais caladas, com um ar de Jeanne Moreau, fazendo contraste com a portuguesa Madalena Iglesias, cuja exatidão tem um pouco de catoca; conhece 17 países e já passou algum tempo no Brasil.



A portuguesa Madalena Iglesias e o escocês Peter Horn são conhecidos sempre quando o sol aquece. Ele é considerado o galo entre os concorrentes estrangeiros.



Antônio — uma espécie de Roberto Carlos francês — cantará por Leonardo. Tarcísio de Pinheiro, que passará com a canção rubro-ouro.



Os Om's Combo, representantes da Itália, mostram com sucesso o recurso de cantar em português e ganharam aplausos numa interpretação de Girovamo em que a voz masculina aguçou o ouvido.



O finlandês Danny — ao praia, com dois admiradores — tem chamado muita atenção pelo estilo arrastado das roupas com que aparece.



O show não conseguiu esgotar a sua capacidade e a do público, embora a escola dos finalistas fosse feita em seis dias. Após o sucesso, alguns fãs continuam para com Vandré.



A reação do público foi o grande trunfo de Geraldo Vandré, que deixou o Maracanãzinho com o povo cantando e sua música.

**AS LAGRIMAS
ESCORRIAM PELA
FACE DE GERALDO
VANDRE, ENQUANTO
O PÚBLICO O
APLAUDIA E GRITAVA
SEU NOME
NUM CORO
IMPRESSOANTE**

— Gente, por favor, um minuto só: vocês não me ajudaram desrespeitando John e Chico. A vida não se resume em festival.

Geraldo Vandré tentava, com estas palavras, acalmar a vaia da multidão, que reagiu violentamente contra a decisão de José. Enquanto Tom Jobim recitava abraços aos outros compositores e intérpretes, Vandré, antes de cantar novamente o seu Caminhando — Por Não Usar que Não Faltou de Filôsofo, procurava um pouco de silêncio. Mas o público só se acalmou quando ele começou a tocar o violão. E só depois de vários que entraram o corifeio: — "vem, vamos embora/que esperar não é sofrer/quem sabe faz a hora/não espera acontecer" —, as palmas cessaram, milhares de pessoas cantavam. O autor recebeu uma das maiores consagrações que o público do Rio tem dispensado em festivais, e sua atitude contra a vaia repercutiu muito longe.



Cynara e Cybele desam a Sabá uma

MUITO EMOCIONADAS, CYNARA E CYBELE SAIRAM DO PALCO CHORANDO, LOGO APÓS A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DO VITORIOSO SABIA

interpretação primária, que apóia a música. Assim do resultado final tinham sido aploandis

A movimentação nos bastidores incluiu alguns boatos — inclusive sobre interferência política —, nenhum confirmado. Havia um ar de confusão, insatisfação e preocupação incutindo-se uns aos outros como se não estivessem participando de uma competição. Sylvia Caldas encontrou-se várias vezes com Januário, perguntando pelo resultado — uma garrafa de vermouth. Januário respondeu: "Está dentro da caixa de maquiagem, porque a penca estava abusando." Os Mutantes subiram enormes pilhas coloridas, e uns dos acompanhantes de Tuca sentiu-se bastante desconfortado: "Tá leve, não ganhamos, mas não está mal muito bom. Não menos grave da favela, apareceram na mão dessa novidade, agora já podemos pedir um cachê mais alto quando for hora de cantar na televisão."



As músicas representadas foram emocionantes, mas a maioria do público aplaudia os seus preferidos por causa própria.



O entusiasmo popular, que apóia como nos vídeos, que silencia em um instante, sem parar e com certeza



**APESAR DOS
PROTESTOS DO
PÚBLICO,
COMPOSITORES
E INTERPRETES
E INTERPRETES
FICARAM
CONTENTES
COM O RESULTADO
DO FESTIVAL**

Se o público foi muitas vezes impaciente, também sendo proporcionalmente grandes momentos de homenagem, como a entrada de Tom Jobim, que teve a sua nomeação evitada por uma tempestade de aplausos, e a de Sérgio Cullari, tratada como um alibi: o jurado teve de aguardar alguns minutos antes de interpretar *Flôres do Sotavento*, que não obteve classificação. Divulgado o resultado final poucos concorrentes reclamaram, sendo que alguns, como Marjory Vale, sentiram-se até muito satisfeitos com a sua colocação. De presentes ficaram por conta do público.



Elis Regina, grande intérprete, fez muita força por Comissão de José Orlando e Bred' Santos, mas não conseguiu classificação no Festival.

Bob Carrinho e os Golden Boys receberam lugar para destacar grande sucesso dos jovens Danilo Calvo e Edmundo Souza.



apresentação dos compositores, em 1961, antes do Festival, em um momento com milhares e milhares, a banda foi aplaudida. Embora as marchas organizadas causassem algumas rixas, elas que não existiam antes do final.

praticamente com milhares e milhares, a banda foi aplaudida. Embora as marchas organizadas causassem algumas rixas, elas que não existiam antes do final.



Edis Luís teve um Eduardo Lora no ritmo de Marjory Vale, que se tornou, não apenas como ritmo novo, do dia, e sempre. Edis definiu, talvez, com o melhor.





O FESTIVAL REVELOU UM ABSOLUTO PREDOMÍNIO DOS JOVENS — ELES ERAM MAIORIA NAS ARQUIBANCADAS E TAMBÉM ENTRE AS DEZ CANÇÕES CLASSIFICADAS

A grapa Marcella, divertida com o entusiasmo da assistência, não é de falar música.



Ella Regha, com Romulo Biondi e Luis Carlos Michi, ficou nos cadernos. Abaixo, Angela Maria e Cidália Mota, portuguesas.



A expectativa pela classificação final não permitiu que a lista de prêmios especiais fosse lida imediatamente pela platéia, mas não há dúvida de que todos concordam com ela: O Mutatis ganhou o prêmio de interpretação; o Troféu André Kostelanetz, para o melhor arranjador; Beto Alves, intérprete de Flávio José (composição de Johnny Alf), ganhou o Troféu Carlos Gardel, para a revelação masculina; Mariô ficou com o Troféu Edith Piaf, para a revelação feminina (canção: O Tempo Segui Tão Perto); e Danilo Calais, autor de Andança, terceiro colocado e um dos favoritos do público, ganhou o prêmio oferecido pelo Museu da Imagem e do Som.



César Baldi. Vozes não

foi muito forte com o seu Américo, América, que não entrou entre as dez primeiras; em matéria de canções de protesto, Camandá não acabou entre o público.



Dance de Rina, muito

aplaudido, ficou apenas no sétimo. Peter Berton ganhou muitos aplausos, mas Luis Duzá e Maria Helena Toledo tiveram pouco voto. Embaixo, Sílvia Cidália.



**CONCORRENTES EUROPEUS
ESTIVERAM NO MARACANA, DOMINGO
À TARDE, PARA VER PELE EM AÇÃO,
E FICARAM DECEPCIONADOS
QUANDO O REI DEIXOU O CAMPO**

- O defeito no placar eletrônico, na segunda semifinal e na final e na finalíssima, provocou mais hemorragias da plateia. O computador Nilson Mota conectou: "O círculo eletrônico fadado a cair".
- Os dez súbios libertados atrás dos holandeses, quando Caramia e Cybele apresentaram a canção, causaram muito interesse, que depois desmoronou a audiência. "Pensamos que eram mopeiros".
- A nota negativa, sábado à noite, foi estrafalinda: purificadores e correntes elétricas que fizeram assustar à apresentação da Escola de Santa Ursula de Vila Isabel tiveram de correr e saltar muito, em meio a um teatro que deixou um investigador morto na quadra.
- Conhecidos de Elyana Figueira: "O Festival Internacional da Canção é o único do mundo onde a música vencedora nunca é cantada pelo público".
- Silvio Caldas contrastava com os outros intérpretes marcando: estava de ternos azul-marinho, gravata pretada e sapato de boca fina. — "Vim pelo lado do cracão" — disse ele. — "Não entendi para disputar prêmio, mas para homenagear Eduardo Souto, que acabou morto de morte quando eu tinha seis anos. O Eduardo Souto Neto foi ao meu sítio trabalhar para cantar a música dele, e não pode negar".
- Rita Lee, a jovem de Os Mutantes, mesma cantada para que não piassem na canção do seu vestido de noiva: "Não pisa que dá azar. Estou vestida de noiva porque me apaixonei pela mesma música e sou eu com esse dia".
- Ela Regina, Bonald Escóssi e Milda foram barreadas na estrada do Maracanãzinho, pois não tinham credenciado nos comícios. Um concorrente conseguiu que eles entrassem para se cadastrar no espetáculo.
- Anita Harris, a cantora inglesa, ditava-se amada com o público. "A gente nunca sabe se é de fato a favor ou contra, também a gritaria. Filarmônica, depois de 30 segundos de música melódica, senti que tinha sofrido a meu favor".
- Henrique Labriola, editor da Fernet, estava por acaso no camarão dos músicos, de charuto e violão à mão.



Evilão, Gesteira são classificados sua música, concluído no café.

Houve uma gritaria tremenda, mas ele saiu muito calmo e sorridente.

● Guilherme Araújo, empresário de Caetano Veloso, disse que os intérpretes deviam receber cachê, pois o Festival é vendido como uma operação comercial.

● Os dois momentos mais comentados foram o do compositor Jorge Guimarães Lavinas com a portuguesa Madalena Iglésias e o de Elio Lobo com Vanda Sá, que restaram um antigo namorado.

● Sérgio Ricardo era um dos mais tenazes aos holandeses, movimentando-se o tempo todo, até aos concorrentes serem postos vencedores. Na sua primeira apresentação, a maestra Grita, seu amigo, cantou um pequeno fim e ele teve de cantar um compasso à frente da orquestra.

● Frank Puzosel pretende girar um clipe com música lusitânica. Em sua opinião, entre grandes cantores da atualidade estão Gilbert Brond e Jacques Brel.

● Oze, de concerto suco: Cássia Cunha, estudou interpretação com Ingar Bergman durante dois anos e meio, chegando, inclusive, a atuar no teatro. Afiliada do ICA, confessa, no entanto, que gosta mesmo é de música clássica, porque é o comêdo de tudo.

● Uma delusão de Os Mutantes: "Nossa música é música, e não música também. Mas isso é a única semelhança entre nós — somos os mesmos meios para atingir outros fins. O campo da música é ilimitado. Estamos procurando campos que os outros não procuraram. Somos contra qualquer espécie de classificação, e contra todos os concertos prestabelecidos".

● Peter Harton pretende passar algum tempo no Brasil, nesta sua segunda viagem, para se aperfeiçoar no violão. A música que ele cantava tem, certamente, o timbre mais molhado entre todos os concorrentes: — Sim.

● Os argentinos Los Gatos compareceram incompletos à convenção anfiteatro, porque a histeria Mero tinha sido se pentar com Lenoch.

● Quando a cantora Teca terminou a sua apresentação, percebeu logo que não estava entre os mais fortes concorrentes. Entristecido, deixou para os holandeses com o seu marido de sempre e conseguiu para os colegas que a rodearam: "Tárá, cántica e diva certo: foi aquele respeito que é bom e eu gosto...".

● A maioria dos jurados permaneceu de cabeça baixa enquanto o público votava o resultado final do Festival. Em seguida durante a comemorativa apresentação de Geraldo Vandré, o compositor Billy Blanco, que era membro do júri, cantou piano com o público a referência da melódica celebrada em segunda lugar.

● Candidato por Augusto Maranhão ao palco, o compositor norte-americano Harry Warren, de 75 anos de idade, tocou ao piano, sob aplausos, algumas de suas célebres canções I Only Have Eyes For You e Lady of Broadway. Encantado nos Estados Unidos, Warren conduziu o sucesso há mais de quarenta anos, tendo formado com o letrista Al Dubin uma grande dupla. Suas melodias tiveram Al Jolson como um dos intérpretes mais constantes.

● De todos os maestros que conduziram a orquestra (excetuando) da TV Globo, Mário Travassó era o mais expansivo. Além de dirigir o músico, ele cantava as letras de todas as canções, sempre transmitindo para os intérpretes grau de estímulo e entusiasmo.

● A portuguesa Madalena Iglésias quer levar para Portugal um novo sítio espetacular, que alcance de sua terra de nascimento.

● O holandês Danny He aniversariou na quinta-feira passada — 24 anos — e ganhou de presente da diretora do Festival, Augusta Maranhão, abismos de ouro, com o jubileu de ouro desenhado por Zizinho.

A colunista do Festival da Canção foi feita pelo seguinte espírito: João Luiz Albuquerque, Vinícius Mendes e Renato Sérgio (responsáveis); Nilson Mota, Richard Kline, Antônio Bello, Dick Wilson, Domingos Cavalcanti, Jovani de Sá, José Silveira, Roberto Siqueira, José Martins, Wilton Cordeiro, A. Trindade, Luciano Bittencourt e Walter Faria (imprensa).



A alondra Alondra diz ao holandês Nuno Lobo. A direita, Maurício Vale canta Dia de Vinho.



Escalante e Nuno Lobo estavam entre os mais jovens intérpretes, experimentando em Evillão.



Keroll Apolônio, cantora da Noruega.

TOM JOBIM com quem canta o sabiá



— O Tom não morria esta vez. Afinal, ele é a pul de todos nós. Assim Jobim em analogia de Antônio Carlos Jobim, quando terminou o Festival. Mas, de repente, todos se preocuparam e Tom tinha saído. Alguém o estava esperando no carro. Tinha, um mulher, foi para cima, com o filho e o pai. E quando chegou Fernando Sabido e Davi Caetano no mundo. Primeiro que ele tinha se refugiado em algum lugar. Uma casaca negra para a casa de Vinícius de Moraes. Não havia ninguém. Quando não, estavam pela televisão do outro de Sabido, e porta aberta e Tom estava sorridente, só uma unha de pulcino, um e grande borboleta. Se não comesse a falar.

— Quando eu ia saindo da Maracanã, um repórter veio para mim com um gravador e eu falei — "compartilho, tudo que partiu". Foi então e pensando naquele negócio de "Deus dá nozes a quem não tem dentes". Depois de um superbolão e um superbolão, que vi, de repente, no superbolão, o Hebeaux. Fomos então no Chico Buarque, ele tinha ido à minha casa, para tocar letra na minha música. A música não era ainda sabiá, nem vovoz. Era nova. Aquel em casa há muito sabiá, e muitas vezes, quando dormo tarde, com umas 10 quadradinhos de piano diferentes. Eu gosto escutido o sabiá porque ele é realmente um cantor que chama atenção. Gosta muito de música e laranja.

— A música elocude a uma linha muito clara, com muita unidade, avoca, passava que passava tarde, muito assim. Quando começa não pensa em festival. Se fosse fazer música para festival, teria algo com mais ritmo, com uma dinâmica mais movimentada, maior impacto, um pouco mais forte. Então no Festival de música. Nunca participei porque não gosto desta história de Cain e Abel, de um comer o outro, de levantar mais peso do outro. O raciocínio comparativo é falso. Não se pode comparar um sabiá com um beito-vi, comparar fulana que tem

primo mais comêda, com beirana que é mais moderna, com sacaca que é mais alta. Não gosto de censura comparada. — Houve uma conversa para cima de mim — "Tom, você é modébil, não quer mais nada de fazer música no festival, etc." No Brasil, parece que em 30 anos viveu um Mataram. Acertou com os meus pontos mais sábios, facultados mentais. Fugiu do just: é difícil para um compositor julgar colegas. Eu não gosto de ser juiz de coisa alguma. A vida é grande, existem muitas coisas sábias, o negócio é variado. Quando esta modébil calculista diz que só isto é verdade, só faz comêdo e é certo, portanto só há um caminho, não posso aceitar. Na juventude isto é uma fase. Entocemé pessoas que em certas ocasiões discordeiam de coisas e depois viram a mim dizer — "você tinha razão". Funciona, radicalismo de direita, com o empêdo fica chum, e o sabiá vai embora e não canta.

— A gente tem que assumir uma série de coisas, tem que saber que você é o produto de uma vida, de um Brasil, de um Portugal, um Carlos Drummond de Andrade, um Vinícius de Moraes, um Dorival, e você tem que assumir. Não posso me sentir de fala, usar roupa plástica, não posso ignorar o passado, literalmente falando, não posso ignorar o meu em que nasci, o Rio que eu vi e tenho que entender.

— Contava com a direita de Sabido, tanto que apontei com a Vinícius uma carta de Johnny Walker Black Label como perdêdo. Na noite de sábado não dava para ver como o povo recria a música, pôs muita música barba. E, talvez algumas e outras, tudo misturado, a gente não pode. Pela televisão se vê melhor. No lado meu — se bem que literalmente a música minha se tornava quase arte visual, o olho vê mais do que o ouvido ouve — não se escuta bem a expressão, só se melindava. O que não podia me não se escuta.

— Cantamos os comentários para ficarem ali atrás do estúdio de palco. Começa aquela contagem dos 10", 9". Eu estava tranqüilo, achando que o Sabido tirava de 6" a 4". É uma música brava que eu admiro muito, mas que exige certa atenção para ser ouvida.



Na comemoração, o festão do pavão foi representado por uma atriz de Chico Buarque.

Não tem impacto, transmite uma coisa quase sacra, para uma humanidade que já não tem tempo de ver e saber coisas. Já tinha feito planos para vir ao Portugal, porque não estava no lugar improvisadamente, como houve disse e vou com o Euzer Dodato a Nova Iorque, Itália, Roma, para dar uma capitada. Começou a me assustar quando passou do 4.º pôde. Falei com o Davi Caetano que estava ao meu lado: "Agora vem Sabido". O outro nome: Dina. "Táxi saguado". Não dá segundo, e o filho do meu padrasto Dorival Cantu um abraço. Eu senti, eu compreendi que deveria fazer um sentido rápido. Ali, naquele momento, eu não sabia mais o que fazer, começando a me dar apêdo para não cantar.

— Sai de trás do sabiá, com aquele sapato de verniz do momento, e a gente marca sua, com o selo pouco ganha. Foi dizer aquela ladainha com pouca que di tumba. Devo dizer desolado, pensei muito no Chico. Realmente, em aquela hora o Sabido para cantar e ele tinha cantado. Não perchei desolado específico da vida, mas você não pode tirar primeiro lugar em nada porque precisa fazer uma série de coisas.

— Sai por baixo do palco, com um rapar da TV Globo, a quem Davi Caetano pediu que me levasse para o carro. Foi me esperando pelo carro estacionado e pegou o meu Fuxca, deixando mulher e filho para trás. Sentiu uma reação tipo esquisita — eu não estava preparado absolutamente para ganhar festival —, aquele nível comparado, eu falei com o Chico, "O Chiquinho, veja o que você

fez, aquele superbolão com música 60, mínima 40, momento dissonância de 50 metros". Ai daí uma choradeira pequena, chovi bem, mas pouco, sem saber bem porque. "Que loucura", disse eu, "que loucura" que o brasileiro sempre diz, veja falando de política, ou música. Chegar na casa de meu amigo Raimundo Wanderley, mestre de Pôrto, e três aqueles sapatos que começaram, batemos um papo. Começamos a falar uma outra conversa, ele mandou entrar meus Bealman e começaram: "Que loucura".

— Em questão de música revolucionária, acho Black, Borthwein, Ravel, Villa-Lobos revolucionários. Sei que édos caras hoje não são revolucionários, mas se a gente quiser censurar alguma coisa, se os governos fossem atentos como amadão e serdo, eles teriam censurado a música. Não há nada que liberte mais a alma do que a arte. Letras que falam em sempre, terra, isso não são revoluções. Nunca vi nada mais revolucionário do que Pedro Pedreiro do Chico e o Operário em Comodoro do Vinícius.

— Achei que a vir das músicas pôde dar o melho, sim, vou, honestamente, com algumas que começaram uma comunicação mais direta. Achei o arroyo do Euzer espectacular, a sacada da música, se deve muito à maneira de Família cultural da arroyo.



Compartilha em table no momento. Tinha, um melhor, não se alarava no grande salão.

Entrevista a JOÃO LUIZ DE ALBUQUERQUE